Introdução:

Desde o princípio a natureza é implacável e imprescindível se comparada a qualquer outra coisa que um dia existiu ou ira existir, é nela em que as forças do bem e do mal colidem. A dois mil anos uma batalha épica iniciaria esse ciclo interminável da luta, a luta pelo sangue, pela grandeza e pelo poder daquele que se julga o homem, aquele que se auto denomina o superior. A muitos séculos segredos foram ocultados junto com os tempos antigos, muitos deles jamais despertariam no futuro, outros o transcenderiam até o fim dos tempos, vivendo a custa de vidas inocentes e culpadas, esses segredos talvez se mostrem verdadeiros quando todos eles chegarem, acredite apenas que eles existem, os vampiros, ao anoitecer tudo se torna real, todos os seus sonhos e pesadelos, chega o tempo da caçada por sangue, mais uma batalha será travada sobre a terra até que o salvador apareça

Capitulo 1: Uma nova vida.

Desde o nascimento todos nós já estamos destinados a um objetivo, uma missão as vezes boa e interessante e as vezes chata da qual precisamos cumprir para mostrar o porquê existimos. Mas eu, eu sou a classificação perfeita para alguém que não quer e nem sequer tenta nada com nada, apenas vivo com o desejo do pavão, sabe, aparecer e conquistar o sexo oposto, mas eu não quero bem conquistar o sexo oposto, somente aparecer mesmo. Minha vida tem sido uma constante rebelião, confusão e intensidade de sentimentos e sensações diferentes ocasionadas por múltiplas situações... diferentes, não é uma classificação de coisa incrível mas sim de coisas estranhas como o simples fato de que estou em constante mudança.

Primeiro, o caso trágico de se estar envelhecendo e para isso passando pelas transições do mundo adolescente, onde a partir dos doze anos você vê o mundo de uma maneira diferente, mais complicada dependendo de como você é visto na sociedade onde só os fortes sobrevivem, ser adolescente é tipo sobreviver a escola e o ensino médio, exatos três anos que fazem diferença, você bagunça e é castigado, conhece o garoto bonito e se apaixona – Muitas entregam seus corpos e tem filhos, além de ter os seus pais sempre no seu pé.

E o segundo tipo de *"situações diferentes"* são os constantes perigos a qual estamos expostos, nós mesmos, as pessoas ao nosso redor e o resto do mundo inteiro, minha incerteza e insegurança me joga sempre num pequeno mundo, uma bola de plástico transparente onde tudo é seguro e bonito, mas é desconfortável e muito chato, acreditemos que tudo seria melhor se eu me expandisse.

Eu desde os quinze anos venho tentando me expandir, mas devido as múltiplas coisas que acontecem no meu cotidiano acho difícil que consiga superar uma balão de gás hélio distribuído em parques.

A minha referência de *"constante mudança"* também se aplica ao fato de que sempre estou me mudando, mudando do tipo saindo de uma cidade e indo para a outra, desde o primeiro ano me mudei quatro vezes devido a necessidade dos meus pais de conseguirem se adequar a esse mundo e as condições mais ou menos em que vivemos, as vezes concordo que precisamos viver em um lugar estável mas por que precisa ser durante o meu lindo tempo de Ensino Médio? Tenho dezessete anos e diversos problemas, um deles é o de fazer amigos e criar vínculos duradouros devido ao tempo em que fico nos lugares, mas talvez isso mude agora que encontramos um novo lugar para recomeçar... De novo. Porém parte dessas mudanças se dão pelo simples fato de eu não me adaptar e sempre estragar tudo o que construímos, meus pais acham que eu tenho um problema.

Recentemente saímos de Fresno na Califórnia para morar em *Bloodale City*, sério, há outros grandes problemas envolvidos na minha vida e onde moro, o trágico inconveniente de que todos os pontos importantes ficavam longe de casa, pegávamos o carro para ir ao mercado, farmácia e hospital, e a escola a quase cinco quilômetros de distância da nossa casa.

Agora viemos mesmo para essa cidade no leste, pelo o que meu pai diz, é uma cidade que fica num limite entre Idaho e Oregon, mas a questão que levanto desde a semana passada é o por que vamos sair de um estado imenso e ensolarado para ir em direção a uma cidade estranha e pequena não mapeada onde quase tudo é bem próximo da onde iremos morar, viva, estou salva! Errado, não tenho carro e a escola ainda ficara a um quilometro, tenho a opção de comprar um carro por ter dezessete anos e mil dólares ou pedir emprestado o carro dos meus pais.

Enfim a minha vida vai se estabilizar em breve, já sinto o ar leve dessa parte da cidade onde o povo é alegre, porém o clima é nublado e sombrio dando um toque de terror. Por ser um limite de Idaho, grande parte da cidade é rodeada por cadeias de montanhas imensas ao fundo, vastas e densas quantidades de florestas que já tomam aos poucos as ruas sinalizadas e mal asfaltadas, fora isso tudo parece ser bem limpo e organizado.

De carro pegávamos a Rota 17, uma interestadual barulhenta e com muitos carros e curvas que embrulham meu estomago, estava impaciente e muito entediada no banco de trás do carro de passeio da minha mãe, anos noventa cor marrom e pouco estilo, típico de pessoas como... Meus pais.

Cruzei uma perna sobre a outra e encarei o vidro da frente onde um extenso corredor se formara com arvores degeneradas dos lados e carros em todas as pistas.

– Falta quanto tempo para chegarmos? – Pergunto entediada esperando que essa seja a última rua, do concreto no lado de fora passo para o lado de dentro onde meus olhos param apenas na capa preta de um livro em branco do qual nada que fosse escrito teria sentido.

– Vinte minutos meu amor, não precisa ter pressa, vai ter tempo até amanhã– Disse minha mãe pondo a cabeça para trás para me encarar.

Com amanhã ela se referia a conclusão de uma semana na escola, estávamos na casa da minha tia até que a nossa estivesse pronta, ela mora a alguns minutos daqui. Sim, todos nós sofremos com isso, mas comigo pareceu correr bem já que o mundo naquela escola parece girar de uma maneira congruente, tudo é tão normal que passei seis dias apenas observando como os alunos agem, só falei com algumas pessoas mais experientes em matéria de terceiro ano da mesma escola e estou fazendo amizades, mesmo que eu seja horrível com isso.

Mamãe voltou a atenção a estrada que finalmente andou para o meu alivio.

– Como você está filha? Digo, o que espera no nosso novo lar?– Papai perguntou, ele estava comendo um picolé de melancia com um pano sobre as pernas para não sujar o banco, *(minha mãe mata ele se sujar os bancos).*

– Estou um pouco receosa de se instalar nessa casa nova... logo vamos mudar de novo– Acaricio meus braços gelados e arrepiados pelo frio que faz em um dia desses, diferente de Fresno ensolarada todos os dias.

Dei de ombros descrente de que ficaríamos mais do que alguns meses aqui.

Meu pai olhou para minha mãe no momento em que o olhar dos dois se encontraram. Isso me lançou um breve gelo no coração por prever um sermão triste.

– Sua mãe e eu conversamos e... Vamos tentar ficar nessa casa, tudo corre bem, temos recursos e o lugar é incrível, vamos esperar você se formar pelo menos.

Com a mão esquerda ele afaga meus cabelos leves e levanta meu queixo indo de encontro com seu sorriso de gente engraçada. Quando olho para frente me deparo com uma imensa placa verde a uns cinco metros de altura cobrindo as avenidas, ela diz,

"bem-vindo a Bloodale City, a cidade da Mista".

– Mas... Se houverem problemas, vamos precisar sair e encontrar um lugar novo para morar.

O minha mãe disse já não era novidade, apenas um acréscimo ao que ela sempre diz quando é preciso, mas eu sei, sinto em meu coração que esse é o meu lugar, meu espaço em "*Bloodale* nublada", vejo até alguns momentos de praia que vão nos tirar do ritual e tédio de família comum, errado novamente, pelo mapa de satélite no celular só há riachos e uma cacheira dentro da floresta.

Me recolhi no banco e voltei a ficar emburrada pela demora que era cruzar o transito, mas quando eu menos esperava, minha mãe cortou três avenidas, *(estamos em uma interestadual de quatro avenidas)* e depois ela entrou em uma rua semi-circular a direita, meu pai e eu olhamos para ela e nos perguntamos como ela ainda dirigia.

Minha mãe tem o estilo veloz e furiosa, quando se vê algo desagradável você acelera e se estiver sobre um cruzamento férreo ai acelera mesmo, ela já levou uma multa e dez pontos por algo errado que fez.

Depois de quinze ou dezesseis minutos de muita fúria da mamãe chegamos na rua que seria a nossa por algum tempo eu espero, há saídas para todos os lugares, um complexo de casas grandes e de formato irregulares não germinadas com jardins, arvores e animais brincando com seus donos, porém o estilo de tudo isso era o pior possível, já se via que era algo tipo anos dezesseis em que tudo ainda não é tecnológico, casas se levantavam com a ajuda de pedreiros parrudos, coisas eram levadas tanto a cavalo quanto de carro se você for mais rico.

Pelo que parece todos se conhecem, ninguém esconde nenhum segredo de ninguém.

A nossa casa teria dois andares grandes, a faixa com uma sequência de telhas na frente de uma varanda de madeira verde pintada de cinza assim como o resto da casa que era de concreto folheado com gesso cinza, há duas janelas sobressaindo no segundo andar ambas de madeira e fechadas, no andar de baixo há uma nova janela no lado esquerdo e uma porta pesada cheia de entalhes e guizos de natal, *(natal em Janeiro, essa casa parece incrível).*

A casa aparentava um abandono de tipo cinco ou dez anos pelo menos, ela estava à venda por um preço barato em um bairro de "classe média", todas as casas tem vitrais Ingleses da era Vitoriana e uma arquitetura rica com belas cores, e a nossa é cinza! Com um telhado preto e uma janela arredondada na ponta.

Enfim mamãe parou o carro na calçada próximo a um corredor que separa os dois lados do jardim gramado e desceu, papai também desceu e eu logo em seguida, a primeira coisa que fiz foi respirar por

quase cinco segundos sentindo o cheiro de mato seco e cavalos.

Esse cheiro libertava minha mente do que eu pensava anteriormente, nos dias anteriores para falar a verdade, mal tenho dormido por que a todo momento sonho com coisas estranhas desse mundo e do meu mundo imaginário, literatura gótica as vezes nos causa pesadelos horríveis, outro dia sonhei que beijava um morto vivo, além de outros sonhos horríveis das últimas noites.

Assim que pisei na calçada eu tive um pensamento, mais para uma coisa eu tinha que lembrar. No mês passado eu tinha falado aos meus pais que iria juntar dinheiro e comprar um carro, mas ainda me lembro que tenho só mil dólares, para ganhar mais precisaria... Trabalhar, poderia pedir aos meus pais mas não quero depender do dinheiro deles para comprar coisas para mim!

Antes eu tinha duas soluções, trabalhar com meu pai mecânico na pequena mecânica em que ele trabalha e que fica a um quilometro daqui ou trabalhar com a minha mãe recepcionista de um hotel três estrelas, ou uma terceira que surgiu depois, minha tia conhece duas pessoas, dois idosos com uma loja de conveniência a alguns metros daqui, lá o trabalho é fácil e eu ganharia bem, mesmo sendo menor de idade, solução? Aceitar o terceiro emprego, por que não sou afável como minha mãe para ser recepcionista e não sou boa com ferramentas e carros como meu pai.

Me distrai por alguns segundos e só voltei a realidade quando minha mãe gritou.

– Meredith! Vamos amor, achei que queria ser a primeira a entrar na casa nova.

Eu sorri de maneira orgulhosa por começar a vida e dei os primeiros passos em direção ao corredor.

Mas logo em seguida fui surpreendida por algo que me deu um susto, os sprinklers! Vários deles se acionaram e me deram um banho, a agua gelada me banhando e bagunçado tudo o que levei horas para arrumar.

Eu gritei de raiva.

Boas vindas ao mundo dos adolescentes. Sou Meredith Mason, filha de Edith Mason e Morgan Andrew.

Toquei a maçaneta dourada da porta e a virei, ela rangeu como ferro enferrujado e deslizou com dificuldade para frente me dando visão primeiramente a um breu incrível do qual não se via nada além do nada. Todo o chão era de carpete marrom envernizado escuro, há uma escada caracol no lado esquerdo e no direito sem estilo, a cozinha fica aos fundos logo atrás de uma bancada de granito, isso completa a imensidão desse espaço que liga a sala gigante a cozinha maior ainda, *(mamãe vai adorar tudo isso).*

Dei os primeiros passos a dentro e já vi um rato mutante passando da esquerda para a direita.

– Nossa... Prevejo um mês de limpeza– Disse meu pai procurando o interruptor para ligar as luzes.

– Talvez mais se houverem baratas mutantes escondidas na sujeira– Disse mamãe já paranoica com os pequenos insetos vermelhos com asas... Assustador se ele cai bem nos seus cabelos.

Eu confiantemente enfiei a mão nos bolsos da minha jaqueta e olhei tudo ao redor, meu pai iluminou o cenário com uma luz dourada vindo do teto com um lustre redondo com fios dourados e pedras transparentes que lembram diamantes.

– Parece um lugar legal para aprontar– Digo com um sorriso malicioso no rosto.

Uma das minhas coisas favoritas de fazer é aprontar, fazer uma verdadeira bagunça com qualquer pessoa, seja ela meus pais ou um vizinho, amigo, familiar ou mesmo qualquer pessoa, as vezes eu me dou mal com minhas bagunças mas nunca fui presa por nada, isso não é considerado grave.

Peguei a escada da esquerda e subi lentamente procurando qualquer coisa no segundo andar, mas só encontro um corredor sombrio e um pouco escuro devido à falta de luz solar. Dos dois lados há portas, talvez umas três de cada lado, possivelmente os quartos e no final do corredor uma moldura, talvez seja aquela escada da direita.

Olhei as portas de madeira fina com poucos detalhes, pelo menos três delas devem ser quartos, um desses é o meu, o maior!

Aleatoriamente selecionei um deles e simplesmente abri.

Bingo! O quarto selecionado era incrível no tamanho, mas sem graça em decoração. Nele há apenas uma cama com um encosto dourado cheio de curvas e detalhes e nos fundos uma porta francesa de vidro transparente estilhaçado com uma cortina esfarrapada marrom que dança com o vento e uma sacada com vista para uma casa do mesmo tamanho.

– Vou levar um século para organizar tudo isso! – Resmungo a mim mesma ao pensar em quanta poeira tudo isso tem.

Horas depois desci para o andar de baixo, isso após uma seção de aspirador de pó e vassoura para limpar o meu quarto, ficou brilhante, um brinco como diria meu colega Carlton.

Cheguei a cozinha onde desajeitadamente minha mãe tentava se adaptar a um fogão azul velho, ela vai suportar isso tudo até amanhã quando nossos moveis vão chegar de caminhão.

– Mamãe, gostou da cozinha nova?

– Ela parece interessante, bem arejada com essas janelas, tem uma boa luz natural e esses malditos pisos quadriculados.

Ela aponta para as janelas de um tamanho médio onde dá para ver as ruas e os pisos em preto e branco que rondam toda a cozinha como um jogo de xadrez gigante em que nós somos as peças, depressivo.

– O que vamos comer?

– Comida chinesa com refrigerante, o fogão não funciona, por isso seu pai foi buscar.

Eu bati a cabeça na mesa quadrada para quatro pessoas pensando que odeio comida chinesa, é horrível, exatamente igual ao sushi que vomitei mais cedo fora do carro. Acredito que por enquanto tudo nessa casa é horrível, a única coisa que me despertou atenção foi o meu quarto, o cenário rustico perfeito e contrasta com os meus desejos do obscuro, um lugar para passar horas lendo qualquer coisa que me prenda a atenção.

– Pronta para a escola amanhã?

– Acho que sim, sobrevivi a uma semana sem chamar atenção e talvez eu viva até o fim do ano com meus *"colegas adolescentes"*.

– Boa sorte, tome cuidado com as meninas mais velhas e patricinhas– Ela alertou.

Eu não temo as meninas de status *"patricinha"* ou *"super popular",* mas sei que não quero me envolver com uma ou vou ter que aprontar, isso me levaria a uma suspensão na escola e um castigo em casa.

Depois ela dá um leve riso de deboche enquanto coloca um guardanapo próximo a mim.

Minha mãe lembra a cachinhos dourados, mas os seus cachos são um pouco menores e menos definidos, tem uma cor castanho bem claro, ela é uma bela moça de pele clara, os olhos de um tom verde claro, seu sorriso branco contrastava sobre as pequenas marcas de expressão em seu rosto ovalado, ela tem uma estatura média que casa bem com a do meu pai formando um par perfeito.

Meu pai sempre foi um homem bonito, alto, pele morena, os cabelos negros bem curtos sem qualquer moda de jovem, barba e bigode bem finos fazendo apenas algumas linhas que se acentuam no rosto quadrado, seus olhos são uma mescla de verde com castanho claro, um âmbar interessante.

Por falar nele, é ele quem chega carregando consigo três lindas caixas brancas de comida chinesa, espero que amanhã eu possa comer algo... Decente.

Nós nos colocamos a mesa e começamos a comer enquanto tentamos conversar sobre algo emocionante da casa nova.

– Papai, você poderia me emprestar o seu carro amanhã? Quero chegar com estilo na escola.

Pergunto com dificuldade já que tenho de pedir o carro, ir a pés ou sair meia hora mais cedo para pegar um ônibus que pelos seus cálculos sempre chega exatamente na hora.

– Não da mocinha, vou precisar dele para levar um motor até Oakland.

Meu pai as vezes dá uma desfiada nos assuntos e pedir o carro é um desses, por que? Por que eu sou exatamente igual a minha mãe no transito.

– Mamãe?

– Eu não tenho desculpa melhor– Ela jogou seus cabelos para trás e fez uma careta– Tudo bem, pode pegar, mas se arranhar, sujar, machucar ou empoeirar você arruma.

Ela deu a condição, mas eu não sei se vou conseguir cumprir suas exigências, por isso apenas dei um pequeno sorriso falso e voltei a minha comida.

– Claro mamãe.

– Ótimo, vamos terminar de comer e começar a organizar as coisas– Disse minha mãe, – Amanha temos de conhecer o Clérigo Mayer na paroquia.

Uma das curiosidades cruéis de *Bloodale* City que vi na internet foram as suas crenças, a cidade inteira descende do povo que saiu de Salem no século dezesseis pela santa inquisição*, aqui eles supostamente fundaram uma cidade secreta onde "satã" não chegaria com seus poderes e servos do mal, resumindo, hoje em dia a cidade vive sobre os poderes da igreja católica, do qual o estado não intervém por que não existimos, nem sequer aparecemos entre Idaho e Oregon.

Santa Inquisição: Período histórico entre os séculos 12 e 18 (eu acho). Era caracterizado também como o tempo em que mulheres acusadas de serem bruxas eram caçadas e executadas pela santa igreja católica, além delas também foram muitas vezes condenados a morte aqueles chamados de "hereges" pessoas que não seguiam as rígidas regras impostas pela igreja. Ela ocorreu em toda a Europa, Ásia e várias colônias americanas trazidas pelos colonizadores.

Na manhã seguinte acordei alguns minutos mais cedo para me trocar, tomar café, pegar o carro e ir para a escola. Olhei numa mala pequena que trouxe no carro e peguei um short jeans mais ou menos curto de cor preta, sandálias fechadas e um casaco marrom bonito.

Eu não sou uma seguidora de estilo, por isso faço meu próprio estilo e me sinto bem, muitas vezes sou chamada de sombra por gostar muito de preto, numa cidade rodeada por crentes não será diferente.

Sinto um nervosismo correndo meu corpo devido ao novo dia, o primeiro dia em que vou sozinha para a escola

sem meus pais chegando no estacionamento.

Passei na cozinha onde um pão com manteiga e suco me esperavam, bebi rapidamente quase regogitando, na sala peguei minha mochila vermelha e preta e em direção a calçada onde o carro estava disposto para mim.

No carro joguei a mochila no banco do passageiro e entrei, notei logo que havia diversas crianças brincando tranquilamente como se não tivessem obrigações do tipo ir à escola todo dia como obrigação ou ir para a igreja logo pela manhã, eu não sei onde fica e também nem tenho disposição para ir ouvir o que o homem tem a dizer.

Liguei o carro e segui para a escola do qual prevejo uma chega em vinte minutos ou menos, as ruas da cidade, quando nublada davam um toque de desajeito e despreocupação quando na verdade sente-se um peso a cada metro percorrido, gosto do clima frio – O meu favorito, e também da visão lenta e tranquila.

Ao chegar a escola, parei no estacionamento gigante onde suas divisões eram feitas por arvores e um gramado plano, no chão milhares de divisões, muitas ocupadas pela gente bacana.

Olhei tudo ao redor, o prédio da escola estava a minha frente e tinha três andares divididos por janelas gigantes que iam de um lado ao outro, sua faixada parecia com um cubo gigante já que uma pequena escada aparecia antes de três pares de portas de madeira com vidro, sobre a faixada o logotipo verde e azul da instituição.

Dei um leve suspiro e segui para a porta evitando olhar todas as pessoas que passavam por todos os lugares, suas vozes, seus risos em meus ouvidos me fazem me pensar que eles falam de mim.

Os jogadores de futebol vestidos com uma roupa verde fluorescente e azul marinho passaram por mim jogando bola, ela passou por cima da minha cabeça e um dos garotos a pegou, enquanto isso eu continuo andando fixada no meu caminho a frente, que parece não acabar nunca.

Até que sinto algo batendo forte na minha nuca, eu tombei para frente quase indo ao chão, nesse momento acontece o que não quero, as risadas começam de todos os lugares, não sei como reagir.

Dei um olhar mortal para trás onde dois garotos vinham correndo, um deles aos meus olhos era um anjo luminoso do qual eu nunca tive coragem de encarar até agora, nesses seis dias, eu o vejo pelo corredor, nas piscinas, no refeitório com todas as pessoas.

Caio Lawson! Aquele que me faz corar mesmo estando a metros de mim, ele e seu amigo estavam vindo, eu desajeitadamente senti uma torção no meu braço e cai com o trazeiro no chão, *(ele está vindo! O que vou fazer!)*.

Entretanto, antes que ele e o amigo cheguem, algo chama a atenção de

várias pessoas para as entradas da escola.

– Ei Caio, se divertindo machucando garotinhas?– Disse um garoto, um homem, um monstro, um garoto enorme se aproximou dos outros dois rapidamente, os músculos enormes dentro da jaqueta de couro.

Ele era moreno, tinha uma pele caramelo bem desenhada num rosto fino e cheio de pelos em crescimento, seus olhos negros e cabelos de mesma cor desgrenhados e jogados para todos os lados, o meu oposto masculino vestido como eu me visto.

Ele deu apenas um toque no amigo de Caio e ele caiu de costas, todos os outros jogadores se aproximaram e tentaram intervir.

– Sai daqui Axel, não queremos confusão– Disse outro jogador de futebol para o garoto chamado Axel, eu apenas me levantei devagar.

Uma pequena aglomeração se formou ao redor deles, Caio e Axel bateram de frente.

– Engraçado por que eu quero, adoro confusão– Disse Axel, logo em seguida derrubou um dos jogadores com um soco.

Os outros iam para cima dele, mas Caio segurou os dois impedindo–os de atacar apenas estendendo uma mão a frente do peito de cada um e retardando seus movimentos.

– Hoje não Axel, não vamos perder tempo com...

A conversa e todos as pessoas ao redor param do nada e ficaram em total silencio, eu tentei fugir disso mas quando virei para trás me choquei com um homem, ele era alto e tinha uma pele escura além de ser parrudo. Sua expressão sobre os garotos era fria.

– O que está acontecendo aqui?– Perguntou o homem da voz que simulava o estampido de um trovão.

Eu desci os degraus da escada e abaixei a cabeça tentando encontrar uma maneira de sair daqui o mais rápido possível sem chamar mais atenção.

– Nada, só Axel aparecendo de novo– Disse Caio com um olhar sério sobre ele, ele apenas revirou os olhos e partiu para dentro da escola passando pelo homem parrudo.

– Vão para a sala seus arruaceiros, estão atrasados já!

Todos cochicharam algo e depois seguiram para dentro da escola, eu tentei me aderir ao povo, mas fui rejeitada por todos que nem me viam no meio de tudo isso, *(acho que descumpri minha regra de se destacar, isso foi horrível).*

Olhei para trás e vi ele, Caio, cercado por várias garotas o elogiando e ele apenas convencido por milhares de coisas, seu sorriso convencido surgindo no lado da boca.

Sua turma estava vindo na minha direção, mas passaram sem nem me olhar.

Caio na sua descrição de anjo é um garoto alto, seus olhos são de uma cor verde escura que pouco se destaca sobre suas feições profundas, seu rosto é triangulado com uma pequena divisão no queixo onde seu cavanhaque desenha algo que se assemelha uma chama, seu bigode é um pouco mais fino mas ainda perfeito. Seu cabelo negro liso e brilhante chega até o ombro mas tem um penteado um pouco bagunçado, já sua pele, a pele clara quase albina completa sua perfeição de corpo esculpido e feito pelos deuses.

Decidi ignorar esse pequeno inconveniente e entrei na escola com centenas de corredores, salas e... pessoas, adolescentes que misturavam e pouco divergiam talvez pelos seus gostos parecidos dentro da cidade.

Saquei um papel em meu bolso e procurei o número da minha sala no primeiro tempo, no papel toda uma tabela marcava os horários e números das salas.

Segui por alguns metros até os armários onde outras duas colegas já estavam recolhendo suas coisas, elas são Marry da aula de ciências e Clarice (*atualmente a amiga que conheço melhor)* da aula de matemática.

Marry é alta, esbelta, uma bela mulata de cabelos cacheados pretos cheio de brilho e volume, seus olhos são de uma cor café bem intenso, o seu rosto é levemente curvado para frente destacando o nariz reto e seu sorriso é gentil e desinibido.

Clarice um pouco menor do que eu é branca, seus cabelos lisos loiro-avermelhados caem sobre os ombros, seus olhos de um azul ciano incrível, seu corpo tem algumas curvas e ela tem peitos grandes se comparados com o resto do corpo, seu rosto forma um belo diamante e ela tem um furinho sobre o lábio esquerdo parecendo um *piercing*.

Arrumei meu cabelo longo tentando massagear a nuca onde a bola me acertou.

Me aproximei rapidamente e sorri um pouco.

– Bom dia meninas– Pareço falsa ao sorrir.

Marry e Clarice se encostaram no armário, Clarice me analisou e depois sorriu.

– Bom dia Meredith... Como você está?

– Mal, é minha primeira semana e já sou vítima dos jogadores de futebol!– Sem querer aumento a voz expressando minha raiva, isso as preocupa um pouco.

– Nossa, isso é mal... Ouvi algumas pessoas comentando no corredor agora pouco, mas não pensei que fosse com você, está tudo bem?– Perguntou Marry enquanto se aproximava sorrateiramente.

– Não sei... Espero que esqueçam disso– Digo tentando lembrar o qual constrangedor foi isso, – Um garoto parrudo apareceu para salvar meu dia.

De repente noto que os corredores estão ficando mais vazios a cada momento que passa, sinto o frio deles me tomando lentamente vindo de fora e das janelas espalhadas.

– Também ouvimos isso, mas... – Clarice dá uma pausa dramática, – Ele não é o seu herói, e esse é o motivo.

Marry aponta para trás com um dedo de onde o garoto parrudo estava vindo, e do seu lado oposto um nerd passava lendo um livro, o garoto parrudo deu um tapa que fez o livro dele voar e cair na sua cabeça, ele riu.

Eu me senti incomodada com sua atitude ridícula e já ia falar com ele, mas as meninas me conterão negando com a cabeça e querendo ralhar comigo em palavras agressivas.

– O que ele acha que está fazendo?– Pergunto nervosa fazendo de tudo para sair dos braços delas.

– Ele é Axel Avery, conhecido simplesmente como Brutus, o valentão máster da escola– Disse Marry finalmente me soltando agora que ele já estava longe, eu me virei para pegar o livro de física no meu armário, o 210.

– O nome faz jus a sua reputação, mas ele saiu para me defender.

– Não, ele não fez... Ele só queria se consolidar como o cara mais temido e respeitado da história, um herói– vilão maldito que faz as suas regras que todos devem seguir, bom de qualquer jeito foi legal, vamos para sala, temos o primeiro período juntas– Disse Marry enrolando seu braço no meu, Clarice deu de ombros e fez o mesmo que ela.

As vezes o meu destaque não é dos melhores e saber que aquele garoto não é um herói me deixa chateada, mas ainda tenho gratidão com ele desde que ele não tente me machucar, por que tipo, ele é o Brutus, não tem ninguém fora do seu alcance ainda mais eu sendo a novata que já é conhecida como açoite do time de futebol.

Seguimos para a sala que fica a direita em um caminho de três mãos, no meio há uma escada que sobe para o segundo andar. No corredor em que viramos há uma sequência imensa de portas e salas, as pessoas já se dirigiam as suas devidas sala.

Entramos na sala de Física, ela era grande e bem espaçosa, a lousa era branca para escrever com uma caneta especial, as mesas e cadeiras eram de uma cor azul e verde individual, *(adoro mesas individuais, fico mais confortável sozinha).*

Desemborquei na sala já cheia e fui diretamente até o fundo no canto direito, na última cadeira do fundo, o lugar em que eu fico desde que

comecei meus estudos, a primeira vez que sentei nesse lugar foi por um castigo que minha professora do primário deu por eu ter escrito uma mensagem horrível na mesa da frente que ela achou bem ofensiva.

Logo o professor chegou, ele era apenas um idoso com cara de Einstein vinte anos mais jovem, branco, cabelos acinzentados em cachos enrolados com um elástico atrás da cabeça.

– Bom dia pessoal, hoje teremos muitas emoções no mundo da física e...

Ele não para de falar, mas eu paro de prestar atenção na hora em que vejo a delícia do Caio entrar pela porta sozinho e com apenas um caderno em mãos, ele estava lindo com um chapéu preto estiloso e roupas vermelhas chiques diferentes daquele vulgar uniforme de jogador.

O mundo se tornou silencioso, só o piar dos pássaros passando do lado de fora onde há uma pista de atletismo que vejo pelos vários conjuntos de janelas da sala no nosso lado direito, todas elas são retangulares, ouço somente os seus passos firmes, vejo as meninas olhando ele e ele sorrindo glorioso.

Ele se apróximou e aconteceu, ele se sentou do meu lado direito como que por uma aleatoriedade do destino.

Sinto seu calor, ou é o meu que parece um vulcão, ele me dá um rápido olhar mas nada que prenda sua atenção em mim, depois volta para assim apoiar o queixo na mão.

– Senhorita Mason!

Ouço o professor gritar e volto a realidade balançando a cabeça, junto com todos os olhares em mim.

– Sim... Professor– Engulo em seco e me levanto.

– Perguntei de que escola você veio– Disse ele mostrando um pouco de tédio.

– Da... Sant'Ângelo High School, professor– Me sinto tímida, envergonhada pelo tom da minha voz tão horrível combinada com o silencio da sala, os meus olhos baixos e quase fechados não mudam esse cenário.

Todos estranhamente aplaudiram mostrando a receptividade para mim, alguns até assoviavam, *(eu nunca tinha vindo na aula de física... Não sei o porquê, acho que os meus horários estavam bagunçados).*

O professor pediu para mim se sentar e assim eu o fiz rapidamente, Caio estava quieto, pouco olhava para os lados apenas se concentrava muito na sua matéria que parecia mais importante do que tudo no mundo, quem dera eu saber o que ele escreve se nem sequer começamos a aula.

Após mais alguns períodos finalmente era hora do intervalo, onde eu posso conhecer pessoas se quiser, descobrir essa escola imensa e tentar sobreviver as coisas que me

aguardam com um bando de jogadores de futebol e um garoto parrudo que adora todo mundo.

Cheguei ao refeitório sozinha após se perder mais uma vez em um aglomerado de corredores com uma baixa iluminação que torna tudo mais escuro.

O refeitório como esperado é gigante, há mesas brancas de seis lugares em todas as posições, oito pilares segurando a construção numa cor verde cheia de anúncios da banda, dos grupos legais e muitos outros, (*nota mental: me inscrever em qualquer um desses grupos).*

No fundo há algumas seções com a comida pobre da escola e as cozinheiras fora de forma com toucas pretas e aventais folgados horríveis que distribuem essa comida mostrando-se pouco felizes com o emprego triste.

No refeitório é possível ver o que é a escola, o que são todas as escolas em todo o mundo, o lugar onde todos se dividem, é nesse lugar que aparecem as diferenças sutis entres as *"classes"* ou *"camadas sociais"*.

No meio ficavam as patricinhas, meninas bonitas, líderes de torcida vestidas com curtas saias verdes e camisetas azuis quase transparentes, do lado esquerdo estão os playboys, os garotos *"importantes"* da escola que chamam atenção pelas suas posses e facilidade para lidar com os problemas financeiros, se vestem bem com roupas finos cortes, cabelos lindamente penteados e o esnobismo que exclui qualquer outro num raio de cinco metros reservado para eles.

Ao fundo estão os nerds e estrangeiros, os menos populares que formam pequenas tribos de pessoas inteligentes, geralmente se vestem com o uniforme da escola que é uma calça azul marinho com uma blusa de mesma cor com mangas brancas – As meninas usam vestidos longos que passam do joelho e botas. Seguindo, na esquerda estão os atletas, os menores grupos, porem os que tem mais seguidores, principalmente os garotos rodeados por garotas fáceis e fúteis porém bem apessoadas.

E próximo as patricinhas está a mesa dos normais, pessoas que não querem estar em nenhum grupo ou simplesmente são pessoas comuns. É nesse onde está o meu pequeno grupo composto por Melissa, Carlton, Jayden, Clarice, Marry, Boulegard e Jenna, todos extremamente diferentes em personalidade e aparência.

Eles são legais e todos me aceitaram um pouco já que não me conhecem bem, mas por incrível que pareça tenho no mínimo período com cada um deles.

Fui até a cantineira e peguei uma bandeja, andei na fila e esperei que fosse algo gostoso, mas era um mingal e... maça.

Fiz uma careta e segui para "minha" mesa onde o pessoal já abriu lugar para mim.

– Eu sei o que está sentindo... Isso é decepcionante Meri amorzinho, tente se contentar- Disse o Carlton, ele é o amigo que brilha como purpurina, seu interesse são garotos solteiros e cantoras pop que igualmente brilham.

Ele é bem simples, alto e esguio, o rosto moreno cheio de barba e bigode feito com gilete, seus cabelos são uma mescla de castanho escuro e preto, liso jogado para o lado esquerdo como ele gosta, seus olhos são de uma cor até agora indescritíveis, parece um tom de mel, seu corpo, magro e saudável como ele diz.

– É eu fiquei mesmo decepcionada com tudo isso o que ganhei para comer e manter as forças, combina bem com a comida chinesa de ontem– Eu digo, todos riram.

– Comida chinesa é tão boa, mas parece algo de... pobre se servido em caixa– Disse Jayden, o amigo esnobe e playboy que desclassifica as pessoas mas gosta de outras que são *"pobres"*.

Jayden era classificado como top 20 da escola, esbelto, modelo fotográfico nas horas vagas, ele é alto, possui os cabelos petróleo cortados do lado e escorridos para trás com alguma creme, seu sorriso é discreto, seus olhos num tom verde brilhante e vivo, seu corpo perfeito.

Quando ia abrir a boca para falar, eu vejo Caio passando com cinco garotas agarradas a ele conversando de maneira despreocupada, eu não me importo com isso, mas eu quero que ele me note, eu quero atenção! Pode ser dele ou de qualquer um ligado a ele, não faria diferença.

– O que foi Meredith... Parece distante– Melissa suspeitou, depois ela me deu um olhar certeiro que me fez corar só de imaginar o que ela estava pensando.

Ela era a amiga patricinha metida a rica, clássico do tipo dela mas ela não parecia querer estar com as outras garotas tão bonitas e requisitadas quantos ela, uma loira potente com curvas e todo o indispensável para atrair garotos, no seu rosto uma fina faixa de sardas vermelhas que destacam o azul em seu olhar profundo pela maquiagem preta.

Olhei para o chão no lado esquerdo e depois para a direita onde peguei minha maça e já dei uma mordida.

– Não foi nada, só estou pensando– Tento ser verdadeira, mas minha voz me denúncia como mentirosa.

– Pensando em um dos jogadores de futebol, clássico de qualquer magrelinha novata.

Dessa vez o deboche veio de Jenna, ela é amiga gótica e malvada que fala o que pensa e não tem medo de morrer, é uma morena cheia de aparatos, ela tem uma aparência sombria e uma voz ainda mais sombria, ela namora com o Jayden pelo o que sei. Ela não é tão alta quanto ele, é quase do meu tamanho, morena com um ar de destemor no rosto frívolo, seus olhos são distantes de um verde musgo, os cabelos lisos de uma cor café com uma mexa verde

luminosa passam da altura dos seios presos em uma camisa preta super apertada, seu corpo é musculoso para uma mulher.

– Não! Eu estou tentando me adaptar a escola com esses adolescentes bagunceiros, já sofri um atentando hoje de manhã.

Todos riram, talvez por já saber o que houve comigo logo na entrada, é o deboche vindo deles que me deixa sem jeito por me acharem um inseto que se deixa abater por tão pouco e por ser ridícula aos seus olhos.

Brutus do nada aparece no refeitório, ele olha diretamente para mim como se eu fosse o alvo de um míssil, mas não dura muito por que enquanto ele me olhava, ele pegou um garoto e esfregou seu rosto no mingal, o garoto chorou mas apenas se vê a sua risada.

– Esse cara não tem limites?– Pergunto vendo–o passar por mim como um raio pesado.

Pelo visto ele tem o apoio do grupo dos roqueiros, uma sociedade individual e separada dos outros por uma mesa ao lado direito das patricinhas, todos esses caras – E algumas garotas, são sombrios, usam muito preto e todos falam pouco, são os mais misteriosos da escola, porém o pior é saber que eles ficam à frente da mesa dos certinhos que como esperados seguem as regras da igreja e se vestem sempre com roupas brancas limitas, sempre são vistos lendo a bíblia e pregando para seus amigos que falam alto sobre como deus é bom, isso implica em muita confusão.

– Ele é gato– Jenna disse brincando enquanto lixava suas unhas pretas, todos nós rimos, Jayden nem tanto.

– Amiga, esse cara com certeza não é o maior problema que essa escola tem, você vai ver o por que quando for possível– Disse Marry.

Enfim eu voltei ao mingal excessivamente quente enquanto penso nos novos problemas, eu vim para ser feliz e deixa os momentos depressivos de ser eu, mas preciso ajudar o pessoal daqui... mesmo que esse cara possa me humilhar e como Marry diz, ele não deve ser o pior que a escola tem a oferecer.

Algumas horas depois as aulas acabaram, foram terríveis os próximos tempos onde nada importante aconteceu e nem Caio estava presente, eu quero falar com ele, mas ele nem me olha... Me causaria o efeito do desejo se eu não soubesse o que está acontecendo, ele não me dá qualquer sinal de interesse mas do mesmo jeito eu o quero, por isso vou ter que trabalhar mais para isso.

Ao chegar em casa fui direto para o meu quarto para pensar nas coisas e ouvir música bem alto já que qualquer vizinho chato vai estar a metros de distância.

Capitulo 2: Tempos de escola.

Após as seis da tarde quando meus pais retornaram a nossa casa, nós todos nos trocamos e nos vestimos a caráter apenas para ir até a igreja, ver o Clérigo Mayer, um maldito costume da recepção que essa pacata cidade tem.

Mamãe na cozinha não para por um segundo, me ajeita, se ajeita e ainda tem tempo para respirar, enquanto meu pai parece despreocupado mexendo em seu celular de trabalho.

– Mãe é sério que eu preciso ir ver um homem velho e imensamente chato que acha que pode me dar sermões todo domingo?– Apoio o queixo com a mão enquanto a olho ajustar seu vestido verde brilhante.

Ela se vira para mim apoiando o braço na cintura.

– Meredith, somos novos nessa cidade... se queremos ser bem aceitos precisamos antes aprender os costumes deles, vamos lá, já estamos atrasados para o encontro com os membros e nossos vizinhos– Ela diz, a voz um pouco empolgada diferente do que meu pai e eu apresentamos.

Ela o pegou o pelo braço e eu em seguida para assim sairmos de casa. A igreja pelo o que vejo fica no final da rua na intersecção entre duas ruas abertas que passam do lado direito e esquerdo, ela é solitária, sua faixada obviamente é branca e bege, um imenso vitral cheio de entalhes de... anjos esta esculpido nas pequenas frestas, as portas são de uma madeira relativamente nova se comparado com a cidade, sobre o topo triangular há uma estátua estranha, não é um anjo, não parece um anjo e sim algum protetor, uma gárgula* com as asas fechadas, *(elemento estranho para uma igreja Católica).*

O movimento de jovens é bem comum, talvez eles venham de outros pontos da cidade, vejo até um garoto da minha aula de física com sua mãe e uma garotinha franzina que parece ser sua irmã.

Mamãe caminha lentamente, mantendo a tranquilidade da respiração, até chegarmos as entradas da igreja iluminada por uma intensa luz dourada do lado de dentro, é um lugar grande, abarrotado de cadeiras de madeira escura lado a lado, aos fundos um altar com uma cruz atrás e um palanque com panos azuis e um microfone.

Um homem se aproxima ao perceber que estávamos chegando, ele é negro, tem uma espessa barba de duas cores, seus cabelos curtos são grisalhos, ele usa uma roupa cerimonial roxa com branco que não sei o nome, ele parece agradável.

– Olá... Edith, Morgan, Meredith, vocês são nossos novos vizinhos?– O clérigo nos reverencia sorrindo de lado, eu estranhei o seu jeito de nos cumprimentar já que nem sabíamos que éramos conhecidos nesse lugar.

Papai o primeiro a cumprimenta-lo assim que estendeu a mão.

– Somo sim Clérigo Meyer, acabamos de nos mudar hoje.

– Sim, é uma honra conhecer a alegria desse pessoal– Mamãe complementa olhando ao redor onde todos os que estão do lado de fora bebem algo em um copo, talvez ponche ou vinho se depender da reunião.

– Então sejam bem vindos meus filhos– Então ele olha para mim, o seu sorriso quebra um pouco percebendo que não estou confortável, – Sua jovem filha está um pouco aquietada... o que houve Meredith?

Eu cruzo os braços por um segundo, não quero ser rude apenas acho chato tudo isso.

Antes que eu consiga falar, minha mãe intervém por mim.

– Ela não está muito apta a novas coisas clérigo... precisa de um tempo eu acho– Ela esquenta minhas mãos com as suas, me passa uma segurança por um curto período de tempo.

– Talvez se ela conhecesse uma parte da nossa cidade no *CL-Car** ficaria mais confortável, vou pedir a Petra para acompanha-la– Antes que ele se vá, sinto o toque do seu braço peludo no meu ombro, me dá um calafrio, – Aproveitem nossa festa de boas-vindas, tudo isso foi feito para vocês... que deus os veja– Ele sorri antes de ir em fim.

CL-Car: Em outras palavras um carro de golfe fictício.

Eu encarei minha mãe, mas o meu pai estava com algo na face, como se tivesse visto algo diferente.

– Viu Meredith, foi fácil querida, o clérigo Meyer é conhecido por suas bênçãos e sua bondade com todos.

– Eu não afirmo, mas um regime da igreja em toda a cidade é complicado... nem tudo é o que parece– Disse meu pai com o mais certezas do que duvidas, era certo que ele pensou como eu, nem tudo era realmente o que parecia.

– Obrigada papai, eu também acho... ele não parece ser tudo isso, mas é cedo ainda para tirar conclusões.

+ + +

+ + + +

Depois de tudo, pedi aos meus pais para que eu ficasse um pouco a sós, há uma fonte do lado direito, nela a escultura de uma pássaro bonito com uma longa cauda joga agua para cima, não era o elemento mais legal olhar para um céu escuro e sem estrelas, mas pelo menos adiaria toda essa chatice.

De repente ouço passos de salto se aproximando, e quando olho para trás há uma garota que surge das sombras. Ela é alta, talvez um pouco mais que eu, sua pele é de um tom muito claro que resplandece na luz branca da rua, os cabelos são lisos de cor carvão e tocam seu ombro num corte Chanel bem legal com duas mexas verdes finas jogadas para trás como uma fina linha, seu corpo é bem cheio de curvas ainda mais se visto

em toda sua roupa preta, um vestido curto com as pernas de fora, seus olhos são de um raro azul acinzentado natural.

Obvio que pela distância ela se aproxima mais.

– Olá, é Meredith?– Sua voz é dócil, mas um pouco rouca e misteriosa.
– Sim... você é Petra?

– Sim, o clérigo me pediu para acompanha-la pela cidade, vamos lá, temos muito o que conhecer– Ela estende a mão para mim, amigável, eu a pego, mas na hora sinto que ela tem mais frio do que eu numa noite como essa, está bem mais fria que eu.

Caminhamos alguns metros até parar próximo a um... carrinho de golfe coberto, pelo visto seria esse o carro do clérigo. Entramos ao mesmo tempo e rapidamente saímos de lá no sentido contrário da rua.

– Então Meredith, por que vieram a *Bloodale*... acho que não é a cidade mais agradável para qualquer pessoa.

Eu rio por concordar, não era realmente a cidade mais agradável para qualquer pessoa, ainda mais se ela pode ter uma vida em um estado grande do tipo Nova Iorque.

– Sou uma pessoa problemática e deprimida as vezes Petra... saímos de Fresno para cá em busca de tranquilidade e estabilidade eu acho... meus pais acreditam que vá me adaptar a uma cidade pequena e tragicamente desconhecida.

Ela olha para o lado esquerdo no momento em que passamos pela minha casa e nos aproximamos da avenida circular que leva a interestadual pela qual viemos, assim tomamos a primeira rua que segue o sentido.

– Acho que *Bloodale* será um bom lugar se você busca paz... ou não. A cidade tem exatamente dez mil habitantes, cinco saídas e muitos elementos peculiares.

Pelo visto Petra tinha experiência nessa cidade, será bom ser acompanhada por ela.

Viramos em uma pequena rua sem sinalização em que o chão era barro amassado vermelho, ela dava liga a três novas ruas que formavam um triangulo, no meio um canteiro gramado com uma estátua gótica de demônio com a língua para fora, bonito.

– O que temos para conhecer nessa cidade pequena Petra, o ar, o tema é muito interessante e até assustador– Falo encarando meus braços que estão arrepiados.

– Sabe Meredith... eu olhei para você e já vi uma pessoa diferente, não são todos que veem algo a mais no clérigo como eu vi você cochichar com seus pais, é uma semi-gótica, nada mais legal do que os mistérios de *Bloodale*, vamos cortar os parques, praças e igrejas e vamos para a parte interessante da cidade.

Ela vira o carro como se ele fosse o mais leve possível e vira a esquerda na rua triangular, assim entramos numa passagem onde o mato alto cresce sem controle, há duas arvores grandes se cruzando em plena rua, depois dela um corredor imenso de casas do século dezessete, passamos por esse corredor e a imagem dos meus sonhos surge na vida real, um cenário macabro de casas envelhecidas ainda mais antigas, o mofo e o musgo cresce nas paredes e janelas escuras, telhados caem aos pedaços no chão e mais arvores, essas mortas, os galhos dançam com o vento forte e realmente me assustam.

– Isso é legal! O que temos aqui?

– Essa é a parte abandonada de *Bloodale*, um furacão passou por aqui em 1830, dizem que todos estavam dormindo quando ele chegou pela noite e todos morreram... desde então nas noites ainda se ouvem gritos nas janelas das pessoas que despertaram.

Eu respiro profundamente, o ar é bem pesado e sujo, olhando para as janelas eu penso ver pessoas naquele tempo, desesperadas gritando para fugir e sendo despedaçadas pelo vento dos furacões, tenho medo.

+ + + + + + +

Cinco minutos depois chegamos aos limites dessa cidade macabra e sombria, mas nos deparamos com algo que se aproximava mais e mais de nossa visão, Petra ria de maneira divertida por achar graça de algo.

– Essa é a velha igreja... amaldiçoada, há relatos de que durante a inquisição pessoas foram deixadas lá dentro e queimadas vivas sem autorização da igreja, eram apenas mulheres que foram culpadas de serem bruxas... um tempo terrível.

Petra abaixa a cabeça mas não para de dirigir, nesse ponto da cidade já se vê parte do asfalto ressurgindo muito velho em qualquer ponto que se seguiria, quando estou desfiando olhar para frente vejo por um segundo aquela luz dourada, aqueles mesmos reflexos estranhos que brilham em pontos aleatórios e parecem uma fumaça sem cor e nem cheiro.

– E a parte que todas nós gostamos, cemitérios– Ela então para em frente a uma dupla portaria de metal fundido retorcido que da luz ao cemitério a frente, um dos mais próximos ao que eu penso, – Não vamos entrar Meredith... vamos voltar.

– Ficou com medo Petra, que triste– Eu debocho dela sorrindo de maneira provocativa como ela provavelmente estava debochando de mim.
– Não é medo... é... sei lá, vamos voltar um pouco.
Petra é calma, o mistério na sua voz é o que me faz habituar-se com ela e com a cidade, que pelo seu descrito é o cenário perfeito para histórias de terror, será que já houve alguma inspirada nela?

Voltamos ao carro e demos meia volta para assim retornar a parte límpida da cidade e me deixar

relaxar um pouco já que a tensão exercida naquele parte me deixava pesada e com um pouco de medo por ser a noite em meio a escuridão quase total do lugar.

+ + + +
+ + +

Durante o anoitecer desse dia eu fui para cama assim que regressei da *"igreja"* devido ao trágico fato de que eu vou *"trabalhar"* amanhã, depois da escola pelo menos, mas ainda assim é triste lembrar o que vou fazer.

Nos primeiros minutos eu consegui dormir bem como um doce bebe.

Mas ao passar de possíveis horas, eu me mexi na cama seguidas vezes e por fim dei um grito que tomou o quarto inteiro, ele se misturou ao som do trovão que cortou o céu chuvoso do lado de fora.

Um pesadelo.

Um pesadelo que para mim sempre parece real, mas agora superou todas as expectativas, sinto o suor descendo por meu corpo e rosto, a respiração acelerada tomando meus pulmões mais forte do que eu aguento.

Eu vi coisas e ouvi vozes, elas chamavam meu nome como se fosse o ecoar de ondas por todo lugar, estou sozinha em um lugar escuro, tão escuro quanto uma caverna sobre as montanhas, na tentativa de fugir eu dei de cara com um homem que não reconheço e ai acordei, mas um dos temíveis sonhos que me assombram.

Subi um pouco a coberta e me ajoelhei na cama para pensar, eu não tenho medo de escuro, não tenho medo dos meus pesadelos mas esse eu tive uma reação diferente, eu senti o cenário horrível e frio em mim, além disso ainda há partes dele no meu quarto, alguma coisa tipo uma energia negativa que arrepia os fios dos meus cabelos e me faz engolir em seco, talvez seja um efeito da casa com aparência sombria e arrumação mais sombria ainda.

Me deitei de novo para tentar dormir mais um pouco e não pensar no pesadelo, ele fica martelando e repetindo toda hora como uma fita de vídeo quebrada, vejo o mesmo homem, na verdade apenas sua silhueta alta e olhos vermelhos que brilham no escuro.

+ + +
+ + + +

Durante o dia na escola o meu assunto era com meu pesadelo, normalmente eu não iria ficar repetindo ele por que não faz sentido e é estranho, mas talvez alguém saiba interpreta-lo da maneira certa.

O dia foi terrivelmente tedioso, faz uma semana que estou aqui e a única coisa que fiz foi pagar mico na entrada com os jogadores de futebol, sorte que se comparar eu com as líderes de torcida gostosas passo por despercebida, eu e metade da escola somos apenas pessoas comuns das quais raras temos oportunidade de brilhar com os jogadores.

Finalmente estávamos no sétimo tempo de história, da qual eu não sou fã e só decoro quando tem trabalho para apresentar e ou entregar, por que aprender uma coisa do passado? Estamos no futuro, não vai ser história que nós iremos estudar.

Nesse período eu tenho aula com Jenna, que é conhecida como Striker, seu sobrenome é Sterling, ela não é uma bullie mas causa pânico nas pessoas por onde passa, exatamente como Brutus o selvagem.

O professor Harry entrou na sala, ele era um coroa de cinquenta anos branco e de cabelos grisalhos, um pouco calvo e com a pele um pouco maculada pelas espinhas do tempo de adolescência.

Olhei para Jenna, da qual eu falava sobre o meu sonho quando o professor entrou e deu bom dia para todos.

– Então Jenna... O que você acha que pode ser o meu sonho com cara de pesadelo? Você deve ser boa com esse assunto.

Observo como sua expressão é calma e desinteressada, ela utiliza uma tesoura pontuda para tirar as cascas da sua unha grande que ela usa para arranhar Jayden as vezes.

– Sério magrela, eu não sou interprete de sonhos, mas adoro ter pesadelos com coisas me perseguindo. Vampiros, vampiros sempre estão nos meus sonhos, eles gostam de se alimentar dos seus, que tal?

Ela pergunta como se estivesse me dando aquela absurda solução para o meu pesadelo, ainda consegue sorrir de maneira presunçosa enquanto espera minha resposta.

Eu nunca acreditei no misticismo do tipo bruxas más, chapeuzinho vermelho e lobo mal, mas acreditava ao mínimo um pouco em vampiros já que são um arquétipo gótico que eu nunca prestei atenção, essas coisas são bem legais para adolescentes, mas tipo, como poderiam ser reais? Eles são apenas invenções das pessoas para explicar uma coisa, algo que se assemelha a um zumbi chupador de sangue.

Encarei Jenna como se a fizesse pensar que eu sou como ela para acreditar nisso.

– É ridículo Jenna! Vampiros não existem, só você mesmo para acreditar– Dou de ombros ignorando sua hipótese, ela revirou os olhos.

O professou chamou nossa atenção para a chamada e depois disso caminhou com um ar de tédio até a lousa.

– Bom pessoal, sei que a história não é interessante para vocês adolescentes, mas temos maneiras torna-las divertidas, principalmente se o tópico da aula for algo de que gostem, por isso hoje vamos falar sobre... Vampiros.

Quando o professor disse, eu o olhei sem conseguir piscar ao ouvi–lo falar mais um conectivo para o meu dia

incrível, vampiros, vampiros e olha! Vampiros. O professor me dá um olhar estranho, estático e sem expressão quando fala sobre vampiros, como se soubesse o que há comigo.

Eu desfiei o olhar e tentei prestar atenção, era estranho o comportamento de um professor cinquentão perante a uma turma de crentes regidos pela igreja católica que é super conservadora e evita ao máximo mexer com os demônios de satã.

– Como todos devem saber, vampiros históricos eram classificados na idade média como... Mortos que voltavam a vida para sugar a energia vital das pessoas, o sangue para ser mais exato, eles acreditavam nisso por que houve um incidente em... Portugal onde uma cidade inteira foi dissecada em apenas uma noite, ninguém sabe quem fez aquilo mas daí nasce a lenda dos vampiros.

Contou o professor, o nível de detalhes me deixa mal, como se sentisse um vácuo dentro de mim, é como se aquilo fosse real mesmo, entretanto são apenas... lendas, Jenna e ele não estão falando sério.

Encostei a cabeça na mesa dura e fria e tentei gravar o máximo de coisas possíveis, acho que vou precisar de um médico de sonhos quando sair da escola.

+ +

+ + + + +

Na saída eu não conseguia piscar, respirar e pensar ao mesmo tempo pelo o que eu ouvi do professor hoje, me sinto como uma criança que tem medo das histórias de terror – O que ainda é estranho já que o meu amor é por histórias de terror e uma vida movida as sombras. Mas o meu terror é bem mais real, eu acredito que o meu sonho não passe disso, sonho, mesmo que ele tenha mudado completamente minha estrutura social e psicológica, já nem estou dando mais tanta bola para ele já que passei o dia todo remoendo, também é primeira vez que insisto tanto em um... Sonho.

Jenna e eu estávamos saindo da escola.... Juntas, ela ainda sorria de maneira maliciosa enquanto me olhava esperando que eu dissesse que ela tinha razão.

– Jenna eu acho que...

Ela me interrompe.

– Olha, o Jayden! Até amanhã magrela– Disse ela me ignorando totalmente como se eu nem existisse e depois foi até Jayden, *(ela me chamou de magrela? Isso é um insulto... Eu tenho algumas curvas).*

Dei de ombros e segui para o carro da minha mãe, do qual eu agora tenho passes quase ilimitados já que ela não o usa para percorrer dez minutos até o trabalho dela do qual eu o vejo da minha casa.

Entrei e ajustei o espelho para mim, já a princípio vi as olheiras tomando meus olhos devido à falta de sono, me

deixa um pouco mais... Sensual os olhos caídos.

Tenho os olhos da minha mãe e do meu pai, uma mescla de verde e castanho claro, meu cabelo liso por mais estranho que possa ser, mistura o um tom de preto acinzentado escuro na raiz e um vermelho fogo próximo das pontas que chegam até metade das costas, fora a fina mecha branca que escorre em apenas alguns fios – Papai o repudiou assim que cheguei em casa. Meu rosto parece um tipo triangular diamante numa cor morena, e o nariz, o nariz grande e reto, meu corpo não é dos melhores mas tem algumas medidas de adolescente de dezessete anos.

De repente vejo algo, Caio Lawson! Não é nada surpreendente, apenas... Ele, eu não o vi em nenhuma aula hoje, ninguém viu, ele não veio, mas por que está aqui agora?

Liguei o carro e dei a ré para sair do estacionamento e pegar a avenida de volta para minha casa... Ou para o trabalho do qual tenho meia hora para chegar, eram apenas duas e cinco da tarde.

Notei na estrada um grupo de cinco adolescentes em uma pick–up preta, eles comemoram algo saindo para fora do carro e fazendo muito barulho, a polícia passou ao meu lado no momento em que os viu e depois acionou a sirene para dar um jeito nos adolescentes bagunceiros.

+ + + + + +
+

Ao chegar na loja de conveniência número 5 de nome *Dowson's convenience* parei o carro e desci sem nada, espero que eles não reparem na minha roupa de adolescente de calça jeans e camiseta branca apertada.

A faixada era branca e tinha uma listra vermelha, o seu telhado também era vermelho, um lugar que não parece muito agitado nesse horário. Havia um par de portas deslizantes automáticas que abriram para mim sem dificuldades.

A loja era grande e bem distribuída com suas bancadas, prateleiras semi–cheias e mercadorias em um suporte alto próximo ao telhado, diferente do lado de fora aqui tinha movimento de... Cinco pessoas, isso não incluía um idoso no caixa e uma senhorinha espanando as caixas. O lugar parecia ser do começo do século pela estrutura com algumas rachaduras no teto e ladrilhos verdes no canto esquerdo da parede próximo a um par de portas que não abrem.

– Boa tarde senhor e senhora Dowson, eu sou Meredith sobrinha de Dirce– Digo sem demora já que minha tia conhece eles dois e pestanejar me deixaria apenas mais nervosa e menos apresentável.

A senhora Dowson se apróximou com um pequeno sorriso amável de canto.

– A, a filha de Edith e Morgan, seja bem vinda querida– Disse ela muito amavelmente como minha doce vovó de noventa e nove anos.

A senhora Dowson era baixa, uma pele branca enrugada e com um cabelo de algodão doce branco, o seu corpo era gordinho com os seios fartos preso em um avental rosa com azul, ela tinha os olhos pequenos que pareciam uma bolinha de gude verde esmeralda, o senhor Dowson era um pouco mais alto e mais velho, sua pele era um pouco mais escura e mais enrugada, seus cabelos totalmente branco representado por alguns fios rebeldes que lhe escorriam a boina marrom, ele usa um óculos redondo para ler o jornal da tarde.

– Você vai mesmo querer trabalhar aqui senhorita Mason?– Perguntou o senhor Dowson sem se distrair do jornal.

– Sim, eu... Preciso de dinheiro– Falo num tom sincero, sem ficar enrolando quanto ao que quero com esse trabalho.

– Típico dos adolescentes– Resmungou ele, eu levantei uma sobrancelha e me recolhi um pouco.

– Não ligue para o senhor Dowson querida, venha comigo, vou te mostrar o que você vai fazer.

Eu assenti com a cabeça e a segui pela loja pensando se o senhor Dowson era um velho ranzinza que vai pegar no meu pé sempre que possível, os velhos são pessoas que as vezes precisam ficar bem longe do contato conosco que não respeita os seus limites.

– Não quero vê–la parada senhorita Mason!

Ouço ele dizer já ao longe, isso é o suficiente para provar que ele vai ser um chefe difícil.

Segui a senhora Dowson pelos corredores da loja onde não havia nenhum funcionário, somente prateleiras vazias e alguns pontos de sujeira do dia anterior.

Paramos numa porta de madeira do lado esquerdo, a senhora Dowson desapareceu dentro dele por alguns segundos e depois voltou, ela sorriu ao me mostrar um avental de pano branco semi–novo com o emblema escrito Dowson's, cheirava a biscoito recém saído do forno e era apertado quando ela o prendeu na minha cintura.

– Por que eu tenho que usar avental?

Dou um segundo nó atrás para que não fique caindo.

– Regras do senhor Dowson querida, precisa manter a higiene de tudo, para isso vai espanar os produtos não perecíveis antes de colocar na prateleira, há etiquetas de onde cada produto deve ficar– Respondeu ela apontando para placas onde estava o nome dos produtos.

Eu suspirei e fiquei pensando *"eu quero dinheiro, não vou pedir para os meus pais, não vou!"*.

Olhei para a senhora Dowson que já me esperava com um sorriso amável e fofo e apenas concordei com a

cabeça sobre tudo, espero que ninguém me veja aqui com esse avental ridículo, seria um desastre social maior do que eu já sou, poucos amigos, uma vida sem dinheiro e sem objetivos e uma imensa tristeza não transparecida dentro de mim.

– Boa sorte querida, vou almoçar agora com o senhor Dowson, tente se divertir– Ela disse e depois me deixou sozinha, – Aproposito, você também atende pessoas quando necessário, por isso decore as coisas da loja e nunca passe troco errado... o senhor Dowson é pouco sovina.

Seu aviso foi o fim, agora eu vou ter que atender as pessoas, eu não sou muito boa e nem tão afável como pensam, além de ser um pouco ruim com relações humanas já que muito do que dizem me leva ao estresse instantâneo.

Sinto o frio dos corredores e do ventilador passando por mim.

Me abaixei próximo a uma caixa lacrada ajoelhando-se no chão de ladrilhos brancos sujos e rasguei o lacre com as unhas.

Passei o espanador apenas por passar.

– Eu só preciso de cinco mil dólares!– Tento me manter calma mas um grito quase explode em mim, ele me faz socar o chão pelo degrade que vou sentir aqui.

+ + + +

+ + +

Duas horas depois terminei de encher cinco prateleiras com as diversidades de coisas não perecíveis que existem, outras são enlatados e no outro setor coisas de casa, o mais complicado de se achar quando não se sabe nem o que é um produto de limpeza.

De repente quando me viro trazendo comigo duas latas de tomate em conserva numa lata, me deparo com alguém, alguém que me faz derruba–las desastrosamente com um suspiro.

Caio Lawson!

Caio estava na minha frente em seu estado divino e sozinho, sua expressão não formava um sorriso completo mas ainda era um pequeno sorriso visível a olho nu, imediatamente me vi pequena perante a tanta coisa diante de mim. Eu me levantei e tentei manter a calma mesmo que isso seja difícil no momento.

– Você está bem?– Ele perguntou, aquela voz que eu só ouvi durante o meu incidente com a bola na nuca, tão baixa e aprofundada, misteriosa se ouvida com atenção.

Eu sorri um pouco e então ele estendeu a mão para me ajudar, eu imediatamente a segurei e me levantei, nesse momento sinto e vejo algo inexplicável como um rápido flash amarelo passando na minha frente com um ruído estridente.

– Sim! Em que posso ajudá-lo?

Ainda me sinto nervosa sem conseguir olha–lo, mas ele parece tranquilo enquanto me vê buscando um lugar para apoiar as mãos.

– Acho que sim... Já que não encontrei ninguém para isso– Disse ele, eu ri, – Onde eu poderia encontrar... Doce de leite?

A surpresa de ouvi–lo dizer isso é o ápice, ele gosta de doce de leite! Eu gosto de doce de leite! Mas por que estou assim tão elétrica?

– É por aqui... Me acompanhe por favor– Digo tentando encontrar o lugar onde deixei o maldito doce que vai me fazer dar voltas e voltas por horas.

Ele me olhou aparentando uma calma imensa, coisa que eu não tenho e pouco consigo imitar dele, mas piso firme e ando confiante até a prateleira, naturalmente respiramos mais depressa quando estamos sobre situação de estresse, apenas dei dois olhares em Caio que pareceram altos para ele já que ele também compensou, viu meu nervosismo.

– Aqui está, você...

Na hora em que falo, a tampa do vidro se abre por um defeito de fábrica e tudo literalmente desaba diante dos meus olhos. Mas com um movimento ainda mais rápido que os meus olhos Caio consegue pegar o vidro antes que chegue ao chão com apenas uma mão e depois recoloca na tampa com apenas um giro.

– Desculpe... estou distraída hoje.

– Você é... Meredith Mason do colégio não é?– Perguntou ele, eu movi meu cabelo para lado, acenei com a cabeça.

– Sou sim.

No momento começamos a andar em direção ao caixa alguns metros à frente, mas parece... Um quilometro de distância interminável.

– Não sabia que trabalhava aqui, mas mudando de assunto, quero pedir desculpa pela bolada... Foi eu que joguei– Confessou ele com um pequeno riso de constrangimento, eu apenas sorri.

– Tudo bem, o galo desapareceu depois de algumas horas.

Tento ser séria, mas rio sozinha só de pensar que nem houve um galo físico, só um pequeno machucado no meu status de menina nova na escola de adolescentes.

Chegamos ao caixa, ele me entregou cinco dólares e no rotulo marcava quatro e noventa e nove, eu tinha mesmo que devolver um centavo!

– Mais uma vez sinto muito, eu tentei dizer alguma coisa mas o Brutus apareceu– Ele deu de ombros, – Não posso provocar brigas.

Enquanto abria a caixa eu lembrei do momento do poderoso Brutus, eu não sei se ele iria derrubar todo o time de futebol mas queria que acontecesse, ia ser incrível e mesmo não sendo por mim, eu gostaria dele.

– Sério, está tudo bem... Aqui está seu troco.

Entrego–lhe a moeda avermelhada com um pouco de vergonha de ter que dar uma moeda a Caio Lawson, além disso eu queria ser aquele doce ou aprecia-lo com ele em algum lugar sobre a luz da lua no anoitecer.

Na hora nossos dedos se tocam, sinto algo estranho, seu calor é bem menor que o meu, quase frio, talvez ainda seja efeito do ventilador, ou eu que não tenha um corpo tão quente já que também senti isso quando toquei em Petra.

– Obrigado– Ele diz somente isso antes de sair pela porta radiante, porém sem sorriso, não fiz por merecer um deles.

Notei nele um elemento diferente, ele ainda usava um chapéu e roupas chiques que ficam incríveis nele, mas creio ter ouvido um gemido quando ele saiu, recuou, depois ele simplesmente colocou um óculos de sol e sumiu na rua de cabeça arqueada para baixo.

Voltei a fazer meu trabalho me sentindo um pouco solitária aqui nesse lugar enorme com apenas algumas pessoas comprando, tomei o lugar do senhor Dowson para me sentir importante, mas assim que vi a câmera apontando para o meu rosto eu decidi que era melhor voltar para o trabalho, ou vou levar uma bela bronca no primeiro dia.

Algumas horas depois, próximo das cinco eu finalmente posso sair do trabalho, é um dia a menos para mim conseguir alguns trocados para o meu carro novo em folha, estou imaginando algo azul brilhante com quatro portas e um estilo incrível para se exibir e deixar uma marca nessa escola no meu último ano.

Deixei o avental sobre o balcão onde o senhor Dowson contava algumas notas, ele não me pareceu muito alegre com as vendas do dia.

– Boa tarde... Ou noite senhor Dowson– Falo gentilmente com um pequeno sorriso mas ele não fala nada apenas faz um grunhido de despedida sem graça.

Dei de ombros e depois sai da loja indo em direção ao carro, os últimos raios de um sol quente desse dia estavam desaparecendo no horizonte escuro dando lugar a noite fria e sombria, *(foi bem ver o sol pela primeira vez em algum tempo, creio que é um evento raro nessa cidade, maldita cidade nublada).*

Abri a porta e passei uma flanela no vidro sujo. Até que por um segundo noto algo passando por mim e naturalmente viro para trás com um suspiro, mas não é nada, apenas um casal passando a alguns metros na rua e duas crianças correndo, quando virei para frente para entrar senti um toque nas minhas costas, olhei ao redor, mas nada via.

Por fim dei a volta e entrei no carro e sai correndo para não sentir mais seja lá o que for, poderia ser apenas

uma câimbra decorrente do meu longo tempo agachada arrumando coisas nas prateleiras.

+ + +

+ + + +

Cheguei em casa minutos depois e parei o carro dentro da garagem que fica no lado esquerdo da casa após o jardim onde há uma pequena ladeira e a porta de aço preta para dois carros.

Entrei em casa e já suspirei de exaustão pelo dia cansativo, meus pais as vezes diziam que para mim ter o que queria precisava trabalhar e tinham razão, desde os cinco anos eu pedia dinheiro a eles para comprar livros e filmes para manter o vício do terror gótico e as tristezas presas neles, eu chorava ao ver cenas de morte e ria nas cenas de luta, mas essa diversão era cara por que os filmes eram caros.

Minha mãe aparentava estar contente com alguma coisa, talvez os moveis! Todos já estavam dentro de casa e eu só percebi agora que soltei a mochila sobre o sofá verde antigo, fui até ela e a abracei pelas costas terminando com um beijo na bochecha.

– Como foi o seu dia querida?– Perguntou ela.

– Fora o fato de que estou sofrendo com sonhos desde semanas atrás, tive um dia estranho e no meio dele encontrei o garoto mais bonito da escola no lugar onde eu trabalho... Foi bom.

Meu tom não pareceu muito verdadeiro, mas para mim soou já que tudo o que houve foi intenso, uma sobrecarga normal para mim.

Mamãe apenas riu e colocou alguns pratos na mesa.

– Então teve um dia produtivo e feliz, bem vinda a bem vinda a *Bloodale* meu amor, você vai se adaptar e eu sinto muito pelo garoto bonito– Disse ela, eu ri um pouco.

Como mãe ela sabia como eu me sentia quando tipo, o cara mais bonito da escola te vê como uma simples arrumadora em uma loja de velhinhos, é bem triste mas não faria isso para ele, faria por mim mesma pela minha independência financeira que herdei desde... nunca, sempre fui dependente de dinheiro.

– Mamãe posso ir para o meu quarto pensar em outra coisa que não seja o garoto?

– Pode, mas desça quando eu chamar para o jantar, talvez a surpresa de hoje faça você pensar em outra coisa que não seja... Coisas de adolescente.

Eu apenas sorri e beijei sua bochecha antes de subir em direção do meu quarto.

Saquei o celular após sentir o vibrar dele no bolso de trás, havia uma mensagem de Marry e uma chamada perdida de Clarice, ela dizia: *"Amiga, vamos no Átrio amanhã depois da escola?",* inicialmente eu estranhei, o que é um Átrio? Depois me lembrei que se tratava de um lugar que

Clarice e Marry estavam falando hoje durante o intervalo.

Respondi de volta para ela, *"depois da escola eu não posso, tenho que... Trabalhar, mas pode ser depois do trabalho umas cinco e meia, :)",* enviei a mensagem e depois procurei o número de Clarice.
Mas quando estava de cabeça baixa olhando o visor ouvi algo vindo do corredor, parecia o barulho do vento, mas depois ouço de novo, um berro estridente que desaparece igual aos sopros do vento.

Olhei ao redor, uma terceira vez ouço algo, mas é um martelar vindo do andar de cima que é de madeira por cima, o que é aquilo?

A alguns metros à frente do meu quarto havia uma espécie de quadrado no teto com uma saliência e uma pequena argola prateada, parecia a entrada para o porão.

Disquei o número de Clarice enquanto procurava algo no deposito de materiais de limpeza uma porta depois da minha.

Coloquei o celular no ouvido e peguei um pedaço de pau de vassoura estranhamente virada para cima como um gancho.

Clarice não atendia e eu claro tentei mais uma vez enquanto voltava ao lugar do porão, assim usei a vassoura para puxar aquele negócio para baixo, logo que aquela coisa abre uma escada de ferro desce em linha reta deixando para trás muita poeira.

Com isso desisto de ligar para Clarice agora e sigui para explorar o porão cheio de poeira e escuridão interminável.

Olhei tudo ao redor, todo o som cessou do nada e obviamente havia pouca luz, só a da pequena janela redonda que ilumina tudo com uma luz clara, há algumas janelas pequenas no lado esquerdo a uns dois metros de altura mas estão com cortinas escuras, puxei as cortinas tendo visão do resto do porão.

Tudo era muito sujo, a poeira se movia junto com meus passos, há dois alicerces segurando a estrutura, para todos os lugares há caixas de papelão, alguns instrumentos estranhos e peças de carro, televisão e outras coisas mescladas.

De repente vejo um estalo dourado de luz que surge na minha frente, uma pequena coluna irregular e semi-translucida refletia minha imagem por menos de um segundo, ela se dispersa e reaparece, está em todo porão, sei lá, talvez seja o efeito da velhice dessa casa

Há um armário pequeno e uma escrivaria no lado esquerdo, no direito uma caixa, um baú solitário feito de porcelana prateada com listras vermelhas, há um símbolo também em vermelho sobre a tampa, algo que está em outra língua mas diz... Vampir.

Liguei o flash do celular e caminhei com dificuldade devido as teias de aranha e super baratas apostando corrida.

Iluminei o baú que estava a uns dois metros de distância da parede e fiquei olhando–o por um segundo ou dois.

Decidi que precisava, que queria, que iria abrir essa coisa com um cadeado gigante de ouro.

Mas assim que toquei o símbolo em cima do baú, ele inteiro se iluminou com uma luz vermelha e me fez sentir um enorme formigamento no meu corpo como se chamas estivesse tomando meu corpo, seguida de uma queimação no meu peito que me faz se contorcer no chão, eu grito, mas obviamente ninguém me ouviria no terceiro andar.

Gritei por uns dez segundos presa ao chão antes de sentir aquela queimação cessar, entretanto quando levantei a visão depois de ouvir o crack do cadeado eu vejo algo que me faz bater as costas no alicerce de madeira.

O homem!

A sombra do homem sombrio, na hora calafrios correm meu corpo como uma bomba de gelo, ele está na minha frente, os olhos brilhantes, sua forma tremulada como uma chama acesa, ele não diz nada, mas é o suficiente para mim gritar mais uma vez, joguei meu celular nele mas nada aconteceu, apenas o atravessou e atingiu a parede logo atrás.

Ele deu passo para frente e eu dei dois para trás, mas depois ele simplesmente saiu do chão e me atravessou, eu cruzei o braço em frente ao rosto, mas ele já havia sumido no vento junto com todo aquele misticismo.

Não estou sonhando! Isso foi real, como pode? Vampir! Vampiro, tudo é sobre os vampiros.

Engatinhei até o *"baú sangrento"* e toquei o símbolo mais uma vez com medo, inspirei e depois soltei o ar poeirento do local, enfim tomei coragem para abrir lentamente o baú torcendo para ele não explodir ou libertar um milhão de baratas.

– Meredith, vem jantar amor!– Ouço minha mãe gritar da cozinha, no momento eu gritei inconscientemente.

Fechei a tampa do baú pensando no que poderia haver nele, perdi toda a coragem que tinha de abrir, eu ainda não sei o que foi aquilo mas o pulsar fervoroso do meu coração dentro do meu peito batendo mil vezes por segundo prova que aconteceu.

Desci do porão e joguei a escada para cima, meus pais não poderiam saber sobre isso, quase ninguém pode saber, Jenna tinha razão! Vampiros apareceram para devorar os meus sonhos como devoram os dela.

Passei pelo corredor boquiaberta esfregando meus braços sujos de poeira pensando no que vi e depois desci a escada onde minha mãe já me esperava com uma expressão nada feliz.

– Onde estava menina? Eu te chamei dez vezes.

– Estava... Ligando para minhas amigas, sabe que não gosto de interrupções.

Tento desfiar o assunto para mim já que ela perceberia que estou mentindo se fosse outra coisa como estudar.

– Tudo bem, seus tios e seu pai já estão a mesa, vamos– Ela me guia até a cozinha onde duas tias e seus respectivos maridos estão sentados conversando com meu pai, ambos fazem partes das duas famílias.

Tia Alice e Malcon, tia Clara e tio Joey, todos eles são legais mas o que fazem aqui nesse momento se ambos moram a três horas daqui!

– Olha quem chegou, agora podemos comer com a família toda– Disse meu pai, eu sorri e o recepcionei com um beijo doce na bochecha assim como fiz com todos os outros.

– Eu não vou falar como você cresceu Meredith, isso já está chato– Disse o tio Malcon parte do meu pai, eu ri.

É um clássico qualquer pessoa da sua família te receber com um *"nossa como você cresceu, está tão fofa!"* as vezes fica enjoativo, além do mais meus tios são engraçados e dispensam toda essa coisa chata.

– Mas eu sim, você cresceu pequena Meri! Está tão forte– Disse tia Alice, parte da minha mãe, ela tem o péssimo habito de apertar minha bochecha e a dos meus primos crianças, eu odeio isso, outra coisa que perdeu a fofura depois que fiz dez anos.

Me sentei a mesa ao lado dos meus pais onde comeríamos uma belíssima lasanha à bolonhesa com salada de maionese e outras coisas gostosas que só comemos em datas especiais, ou em visitas famíliares para passar boa impressão, sim, mamãe.

Durante todo o jantar enquanto minha família ria eu só pensava no baú e nos segredos que devem estar dentro dele, tudo aquilo deve ser assustador mas eu vou tomar coragem de ver o que tem dentro, isso se suportar a ansiedade de subir lá e ver tudo de novo, mas com o fantasmão dos olhos vermelhos me observando não dá certo.

Remexi um pedaço da lasanha, com fome, mas sem vontade de pôr a comida para dentro, sinto uma pontada de sono e estou quase chegando a minha exaustão total, sem gasolina.

Mais tarde, meus tios foram em bora para passar uma noite vip no hotel da minha mãe com preço reduzido, eu fui direto para o banheiro, ele tinha um tamanho razoável e uma decoração sofisticada. As paredes são de azulejos verde azulado, há uma banheira grande branca no fundo com uma cortina, um box virado para frente da porta com um cilindro de vidro azul e um belo assento arredondado com pano em cima e tudo.

Me encarei no espelho próximo a porta do box e me admirei um pouco antes de seguir para o banho quente, meus olhos estavam um pouco decadentes e mais escuros como se o peso da poeira estivesse impregnada neles, ainda sinto o cheiro mofoso do porão.

Depois desse banho vesti um pijama e fui dormir com a esperança de não encontrar aquela sombra maldita nos meus sonhos, o que será aquilo? Meu celular quase virou farelo, sorte que não quebrou por causa da capa, mas atravessou a sombra, seria um começo para um livro de terror que não quero escrever por não ser boa de expressões.

Capitulo 3: Descobertas assombrosas.

Durante todo o anoitecer e madrugada eu tentei dormir, consegui, mas acordei minutos depois inquieta, me remexendo mais que o normal além de sentir o suor quente correndo e molhando minhas roupas, não me sinto mal e nem doente. Pela decima vez eu fechei os olhos e tentei pensar em coisas agradáveis como... Carneiros pulando a cerca.

Nada.

Pela decima vez eu acordei, dessa vez com um intenso suspiro ao despertar de um sonho, estava tudo escuro – Um clássico de pesadelos. Eu estava sozinha la sobre um chão que não consigo pisar, em um lugar bem estranho que não sei onde é, então eu vejo o baú sangrento no fundo, flutuando e com sua assombrosa luz vermelha iluminando–o pedindo para ser aberto.

A inquietação diz para mim ir abri–lo, mas a minha sanidade me impede que eu saia de baixo dos meus cobertores frescos que esquentam ainda mais o meu corpo, jamais iria até lá para mais uma vez ver aquela sombra na minha frente.

Enfim desisto e coloco os fones de ouvido para tentar dormir ouvindo música sobre o som oco dos órgãos tocados na igreja e trompetes baixos ao fundo.

No amanhecer do dia seguinte "acordei" literalmente um bagaço, com muito sono e toda bagunçada na cama, mamãe já estava chamando para o café da manhã em família *(tem dias em que meus pais saem em horários diferentes, aleatórios, sorte que meu pai é o dono de sua oficina, pode chegar qualquer hora).*

Me levantei e procurei algo em meu armário, talvez uma saia preta com uma camiseta vermelha sem mangas, uma meia de cor verde e azul com uma bota seja a pedida.

Desci até a cozinha onde três torradas... E suco me esperam.

– Nossa... Que cara de adolescente essa– Disse meu pai sem realmente estar me olhando, eu ri mas no fundo estava nervosa por estar nessa condição deplorável.

– Noite mal dormida eu acho... Tudo bem Meredith?– Perguntou minha mãe assentando–se a mesa, ela estava bela vestida em roupas sociais apertadas nos lugares certos.

– Não mamãe, essa noite foi horrível, tive... Pesadelos.

Inicialmente não posso nem pensar em contar a eles sobre o porão que temos em casa, nem da caixa vermelha que esconde algo anormal sobre vampiros.

– Achei que teria sonhos agradáveis com o garoto bonitinho da escola, vejo que estava errada.

– Que garoto bonitinho?– Papai me dá um olhar pesado do tipo que me acusa de fazer algo errado mesmo que eu não faça.

Eu corei e quase engasguei com a torrada.

– Não! Não foi o garoto bonitinho, sério gente... Preciso ir para escola– Digo apressada não querendo estender em mais um segundo essa conversa trágica que acaba em sermão sobre usar preservativos.

– Meredith! Saiba que só vou autorizar namoros se eu conhecer o rapaz, se ele for um marginal nem traga–o para casa.

Era exatamente como eu esperava, uma proteção aqui e ali e mais um sermão sobre não trazer marginais para casa, eu estaria frita se o fizesse.

– Sou muito nova, também não quero ser avó antes dos quarenta Meredith.

Isso também, engravidar é a última coisa que quero, é muita responsabilidade cuidar da vida de outra pessoa se eu mal cuido da minha direito, não consigo me imaginar suportando dias, meses, anos de um horrível choro infantil sobre meus ouvidos, além daquelas boquinhas deformando os meus peitos.

– Amo vocês– Digo com um sorriso debochado no rosto após tudo, ele não é real, mas faço com que seja.

Recolhi minha mochila e parti para a escola, hoje será um dia cheio já que vou para escola das oito as duas, depois trabalho até as cinco e depois vou ao Átrio com as minhas amigas.

Passei na mercearia a alguns metros de distância para comprar um suco de morango e depois segui realmente para a escola.

Sinto a ansiedade de contar sobre o baú para as meninas crescer dentro de mim, sei que elas sabem guardar um segredo mesmo que não as conheça bem, porém o que eu contaria a elas? Que vivo numa casa onde vampiros são reais e um baú das trevas está lá esperando para ser aberto? Nem ao menos sei o que há naquilo.

+ + + + + + + +

Vinte minutos depois cheguei ao estacionamento onde vários

adolescentes se reuniam em seus grupos clássicos, Jenna e Clarice estavam conversando entre duas portas, o assunto parecia ser interessante já que ambas riam, depois chegou Melissa também radiante, o humor de Jenna com certeza é levado para algo assombroso que ela ouviu ou que Clarice estava contando no momento, tragédia é igual a risos para ela.

Peguei minha mochila no banco do carona, minha garrafa pela metade próximo ao vidro e tirei as chaves desligando o carro.

Assim que abro a porta do motorista um pouco distraída com as interações sinto algo que rebate a porta e a faz bater na minha testa, imediatamente sai do carro para ver o que foi, mas bem nessa hora eu dei de cara com uma garota, literalmente dou de cara com ela, meu suco salpicou sua roupa de líder de torcida.

Eu fiquei boquiaberta e apavorada.

– Maldita! Olha o que você fez comigo!– Gritou ela chamando a atenção de todos.

Ela era um pouco mais alta do que eu, a pele caucasiana reluzente sem nenhuma imperfeição, o rosto arredondado formando uma curva perfeita, seus olhos eram verde esmeraldeados cheios de uma sombra preta incrível, seus cabelos dourados cacheados chegavam até abaixo dos ombros, a boca recheada com um batom rosa intenso, seu corpo um pouco mais magro que a maioria das pessoas, o tipo modelo exibida e suas roupas de líder de torcida dando o toque final na extravagancia.

Eu a olhei boquiaberta sem saber o que dizer já que qualquer coisa seria insuficiente para justificar o que fiz.

– Desculpa eu...

Ela me interrompe quando da um tapa na minha garrafa que voa do outro lado da garagem acertando um nerd parado mexendo em um notebook.

– Como você ousa me tocar vadia! Você sabe quem eu sou?– Ela gritou de novo e eu ainda sem saber o que dizer, então tentei algo.

Porém, antes de abrir a boca nós duas olhamos o time de futebol chegar em um esportivo sem capota muito incrível, Caio estava nele, diria que todos eram tão quentes quanto o sol, mas não há nem um sol que os represente nessa cidade, o tempo continua horrível.

Nós duas perdemos os sentidos.

– Eu não vi o que estava na minha frente, é sério– Tento me justificar mas ela volta para mim soltando fogo pelo nariz.

Tudo estava indo de mal a pior, quando acaba piorando ainda mais com a chegada de Axel e toda a cavalaria de mini bullies, *(na verdade nerds com pinta de bullies).*

– Você vai pagar por isso, está prestes a começar um ano difícil da

sua vida, maldita, vou te fazer beijar o chão!

Sua ameaça me causa um frio instantâneo, um gelo de dois mil graus, minha mãe disse para evitar essas garotas, mas o que eu faço? Jogo suco na chefe das líderes de torcida, enfrenta-la será tão ruim quanto não enfrentar, o seu tipo é arrasador e todos sabemos o qual difícil para alguém diferente ser mal visto na escola, no caso um gótico que logo seria taxado como suicida do demônio.

Ela estralou os dedos e suas duas amigas morenas saíram junto com ela abrindo caminho, nisso os garotos as acompanham e depois me olham surpresos como se até eles estivessem com medo dessa coisinha.

Caminhei em falso até Jenna e as meninas, Jenna apenas ria.

– Garota, o que você fez ali?– Perguntou Clarice igualmente impressionada, perplexa com o que eu fiz.

– Eu só... Sai do carro.

Jenna começa a rir ainda mais, logo prosseguimos pelo corredor indo para os armários do ginásio para a aula de ginastica, da qual as minhas roupas estão sujas por eu ter esquecido de levar para casa na semana passada, (só Clarice e eu estamos nela, mas Jenna faz caminho).

– Fala sério magrela, você foi derramar suco de morango na roupa da chapeuzinho dourado.

– Aquela garota é Anastácia Roth... Líder de torcida e simplesmente a garota mais popular da escola, conhecida como batom de ouro– Disse Clarice abrindo os braços para mostrar a extensão do erro que cometi.

Penso no que vou sofrer, mas não penso que sou culpada por que tipo, ela não tinha que estar ali! Não naquele momento em que eu deveria sair.

– Acho que... Brutus me salvou de novo.

– Não, ele simplesmente estava na hora certa e no momento certo, era apenas mais uma *"lição de bulling"* contra os menores, eles são dez, mas só um vai virar o próximo bullie da escola no ano que vem– Disse Jenna como se aquilo fosse algo agradável e legal para se fazer na escola.

– Cara, nós temos muitos malucos nessa escola!

Quase grito só de pensar no tipo de gente que já vi aqui em menos de duas semanas e agora tenho uma patricinha atrás de mim.

Seguimos conversando até o ginásio coberto onde há um campo de futebol, vôlei, basquete e handebol, há uma arquibancada de madeira nos dois lados e placares imensos no teto, no meio da quadra um logotipo da escola e pequenas estrelas amarelas ao seu arredor.

Fomos até o vestiário feminino e nisso eu só pensei naquela garota, eu mal comecei o meu ano e já tenho uma ameaça contra meu status de garota qualquer, eu não quero ser ferida! *(apesar de que a dor é boa, senti-la na pele dá uma sensação de se estar conectada com a realidade e a minha nunca é boa).*

A treinadora era uma mulher de quarenta anos alta, com os cabelos ruivos em um coque mal feito preso por um lápis, ela sempre veste uma saia azul escuro e uma camiseta ou jaqueta... Azul escuro.

– Estão atrasadas, vinte flexões!– Ela ordenou.

Estávamos um minuto atrasadas! Como ela pode contar isso.

– Mas senhora Marjory...

Ela interrompe Clarice apenas apontando um dedo para dentro da quadra, nisso nós nem resistimos e seguimos para a quadra onde os alunos faziam flexões, agachamentos, corrida ao redor da quadra e muitas outras coisas.

Nos ajoelhamos e depois tomamos a posição para as flexões que não combinam com meu corpo fora de forma, levantei uma com dificuldade, na segunda com um gemido, a terceira com os braços tremendo e na quarta...

Eu vejo Caio.

Ele e três garotos sensuais do time de futebol praticando artes marciais, Caio era ágil e os atingia com facilidade, como se medisse e antecipasse seus próximos movimentos.

Então um dos garotos passa uma rasteira e o derruba no chão, mas ele revida e joga o garoto para trás com apenas um impulso.

– Foi bom Caio, mas pega leve– Disse um dos garotos tentando afasta-lo do outro que ainda tentava se levantar, estava um pouco ferido ao que parece.

– Desculpe, me empolguei um pouco– Isso não apartou sua possível fúria que brotava por ter sido golpeado pelo próprio amigo.

Continuei pagando minhas flexões com muita dificuldade, nem conseguia manter os braços inteiros, continuava destruída pela falta de sono.

Cerca de cinquenta minutos depois finalmente era a hora de acabar a aula de ginastica e partir para a de... Matemática onde estavam Melissa e Carlton para me fazer companhia, *(eu não vi a Marry hoje).*

Voltamos aos armários da ginastica e deixamos nossas roupas para seguirmos até os armários normais para pegar o material, penso que saímos do ruim para o horrível.

– Amiga, tenho que te contar uma coisa... Para você e Marry, mas tenho que saber que posso confiar em você– Digo.

– Claro, se não for um super segredo épico daqueles que poderiam destruir o mundo e a civilização inteira pode contar.

Mas era um super segredo épico, do tipo que pode prejudicar o mundo inteiro e qualquer pessoa envolvida nele, nesse caso só eu por enquanto.

– Está bem– A olho de maneira estranha mas divertida pela criatividade, – Olha, ontem eu vi a sua chamada perdida e já ia ligar de volta, mas no caminho eu vi o meu porão.

Dei uma pausa apenas por ter que passar entre duas pessoas, depois continuamos para os armários onde Marry a desaparecida estava arrumando os seus materiais.

– A que bom que você viu o seu porão.

Eu ri.

– Sério Clarice, mas quando eu entrei no porão eu vi uma... Uma, uma sombra eu acho. Depois encontrei um baú estranho que brilhava e nele estava escrito algo relacionado a vampiros!

Abordamos Marry que já nos olhou com estranheza querendo entrar na conversa.

– Olá, o que houve?

– Nada, Meredith viu uma sombra no porão dela e acha que é um vampiro só por que Jenna a assustou com suas histórias pavorosas.

Clarice distorce um pouco a história já que eu não penso que aquilo seja um vampiro, mas tem chance de ser já que é igualmente assustador e seria o tipo de história que Jenna adoraria ouvir principalmente se eu contasse.

– Ouvi vocês falarem de um baú e sei que não estava ouvindo a conversa, mas tipo, o que tinha no tal baú?– Perguntou Marry, – Aproposito, achei que pessoas como você não temessem coisas fofas como vampiros, são góticos.

– Não sei o que tinha lá Marry! Minha mãe me chamou bem na hora em que eu ia abri–lo, preciso saber o que é, e... não... nunca fui tão aficionada com vampiros– Tento imaginar o que tem naquele baú mas nada me vem à mente por que eu simplesmente nunca vi aquilo na minha vida, nem sabia como era um baú de verdade.

Depois da conversa sobre vampiros e baús assombrados, nós seguimos para a sala de matemática onde não vou poder conversar com elas e os outros achariam estranho, exceto Jenna que já sabe do meu temor de vampiros devoradores de sonho que ela tanto gosta.

Fomos a caminho da sala de matemática que fica na segunda porta esquerda do segundo andar onde tudo é exatamente igual ao primeiro, exceto pelas portas serem brancas e terem os laboratórios, fora isso há armários, mais portas e mais adolescentes da nossa idade.

Durante a aula toda de matemática eu fiquei em silencio dividindo minha atenção com três coisas: Os vampiros do mal que agora são o tópico número do meu cérebro, isso engloba o baú e os seus segredos que passei a aula anotando e desenhando na mesa. A patricinha rainha da escola que vai fazer de tudo para me destruir e a conversa de Carlton sobre o garoto que ele conheceu ontem na internet, só fala nele vinte e cinco horas por dia.

Me aconcheguei na cadeira de plástico e apoiei o queixo com a mão, depois suspirei e coloquei o queixo sobre a mesa, depois... Já sabe, deitei de bruços entediada com a voz da senhora Connie, uma senhora de oitenta anos magra e muito exigente.

Olhei para o relógio branco sobre a lousa e contei os segundos para sair daqui e partir para a próxima aula.

+ + +

+ + + +

Após mais aulas entediantes finalmente era hora do intervalo onde a conversa vai fluir de maneira tranquila e eu vou deixar os vampiros de lado para pensar só em mim e na minha adolescência que já está correndo.

Carlton estava falando daquele corte especial adolescente que todo mundo estava fazendo, exceto eu que gosto muito do meu cabelo de duas cores natural e simples, o seu jeito excêntrico anima nossa organização sombria com número mínimo de cinco pessoas – Todos os grupos da escola possuem geralmente de doze a vinte pessoas, nunca mais nem menos.

– Eu acho que vai ficar incrível Carlton... O Josh vai gostar– Digo sorrindo de maneira simpática para pelo menos tentar fazê-lo mudar de assunto.

– Assim eu espero, vai custar vinte dólares, de qualquer jeito eu faria isso para ir no Átrio hoje– Ele deu de ombros.

Agora que me lembrei do Átrio, ainda tenho que fazer isso antes de ir para o baú sangrento mas tudo bem, tenho todo o tempo do mundo e preciso de amigos.

– Estou ansiosa para ir.

– Eu também amiga, tem cada jogador de futebol lá– Ele para e olha por sobre meus ombros por ser bem maior do que eu, – E olha, por falar em futebol tem um ali *"dando sopa"*.

Quando olho vejo Caio, muito concentrado olhando para um troféu prateado em formato de bola, eu via a oportunidade de longe, mas será que deveria ir falar com ele agora assim sem mais e nem menos?

Era raro e inesperado que um jogador, talvez um dos garotos mais incríveis do mundo e limitando-se um pouco, da escola, estivesse sozinho pensativo, era misterioso, era um pouco sombrio apesar de tanta luz, era incrível.